



MASTABA EGÍPCIA O embrião das pirâmides

Prof. Marco Pádua

"O ponto comum entre a tumba megalítica, a mastaba e as pirâmides é sem dúvida, a função"

Seguindo a tradição neolítica, as primeiras edificações egípcias eram destinadas aos cultos fúnebres. As primeiras, porém é preciso ressaltar que são as que sobreviveram até os dias de hoje. Evidentemente que haviam outras mas, os materiais utilizados não eram tão resistentes quanto os usados nas mastaba. Provavelmente os adobes (tijolo cru) eram usados nessas edificações secundárias. Secundárias sim pois, a pedra natural, material eterno, era destinada para as principais.

Temporalmente este ciclo tem início logo após a unificação do alto e baixo Egito a partir do ano 3.100 a. C. Os primeiros 500 anos foram fundamentais para esta consolidação.

Neste período tem início o uso da escrita, fundamentando a História que conhecemos, o beneficiamento dos metais, o aprimoramento da cerâmica e dos métodos de cultivo. Os povos agora sedentários se fixam a margem do Nilo, criando as primeiras aldeias.

Muitos historiadores se contradizem em relação a esta fase inicial e possivelmente essas datas venham a ser modificadas com as novas pesquisas. O motivo seria o incrível avanço observado neste período. Para se ter uma ideia basta comparar as construções neolíticas anteriores a esta fase, cujo porte não ultrapassavam alguns metros de altura com a primeira pirâmide que chegava aos sessenta metros, passados apenas 500 anos de trabalho.

As mastaba e as pirâmides estão intimamente relacionadas se considerarmos a sua função pois, serviam para acomodar os despojos do faraó depois de morto, com todo o aparato dispensado para esta situação. A diferença sensível entre esses modelos arquitetônicos está no volume descomunal. Os materiais e o seu preparo são semelhantes. Desfrutaram de artesãos e ferramentas metálicas. A forma de extração e transporte dos blocos também tem muito em comum.

O grande diferencial que justifica um empreendimento desta envergadura está na mão de obra envolvida na construção, dando início a um ciclo de aproximadamente 150 anos que resultou na conquista de altura superior aos cento e quarenta metros.

Historicamente este modelo arquitetônico pode ser encontrado muito antes dos egípcios, não cabendo a estes o título de precursores. Supostamente herdaram essa prática da cultura neolítica, da qual também emergiram. Há monumentos pré-históricos que demonstram essa prática, 1.500 anos antes dos egípcios. O Monte Barnenez, no sudoeste francês é um dos exemplos mais antigos. Denominado como tumba megalítica, poderiam ser considerados, esse e outros semelhantes, como os primeiros edifícios construídos pelo homem.

Compõe-se de um conjunto de dolmens cobertos por varias camadas de pedras chegando aos oito metros de altura. Aqui as pedras são de pequenas proporções, sem nenhum preparo, pratica comum na cultura neolítica. São apenas superpostas mas, com critério, de maneira a dar forma e imponência ao conjunto. São estruturas tão formidáveis que merecem um capítulo a parte. Infelizmente seus criadores não são conhecidos pois, antecedem a escrita e seus eventos não foram registrados.

E importante frisar que a tumba megalítica também e uma evolução neste processo. O coração deste modelo e o chamado dólmén, onde o cerimonial fúnebre era desenrolado.

Consiste num conjunto de pedras lamelares (delgadas e largas) cravadas no terreno em formato circular. A cobertura era feita com uma única pedra na mesma configuração. O espaço criado por este arranjo não seria muito expressivo devido a cobertura. Para isto seria necessário uma laje de pedra maior e, logicamente, um peso exagerado para aqueles dias. A grande evolução neste processo foi a execução de vários dolmens paralelos e em seguida, cobri-los com pedras menores. Nenhum beneficiamento era dado as pedras naquele momento pela falta de ferramentas metálicas que surgiriam centenas de anos depois. Presume-se que o único recurso usado aqui seria a escolha criteriosa do material de construção. A data geralmente aceita para esse empreendimento e 4.800 a. C. porem e preciso lembrar que pelo menos 500 anos foram gastos ate sua conclusão.



MONTE BARNENEZ – FRANÇA

Se houve realmente uma imigração humana do continente africano em direção à Europa, o Monte Barnenez poderia ser uma versão até mais evoluída desse modelo que teria se originado neste continente muito antes da unificação egípcia. O fato desses protótipos não serem encontrados demonstra que eles poderiam, ao longo da Historia, ter sido remodelados e seus materiais reaproveitados em outras situações.

No caso das mastaba erigidas no limiar da cultura egípcia, estas impactam por sua funcionalidade e proporção, suscitando indagações quanto a sua origem e evolução. Demonstam uma sistemática construtiva adquirida de longa data, contraditoriamente ao curto período de sua unificação.

Existe grande semelhança entre as tumbas megalíticas e as mastaba. Curiosamente, as tumbas não eram lacradas, talvez por não conter nenhuma suntuosidade naqueles dias.

Construtivamente a diferença está no porte das pedras, maiores e trabalhadas de maneira a propiciar seu assentamento, fruto do uso de ferramentas metálicas.

Esteticamente já renunciavam os sólidos geométricos com formato de paralelepípedo.

Vale ressaltar que a cobertura de pedras usada nas tumbas megalíticas, aparentemente, tinha uma função estética, ou seja, para dar mais imponência ao monumento. Já nas mastaba, seu uso teria também a mesma finalidade, porem a principal era a de lacrar ou dificultar seu acesso.



MASTABA EGÍPCIA

Em relação ao layout interno, ou seja, a distribuição interna, a mastaba consistia basicamente de uma câmara onde eram colocados os despojos do faraó, juntamente com os aparatos e adornos, comum aos costumes da época. Os familiares dos faraós e nobres ou pessoas importantes também possuíam mastaba.

Esta câmara mortuária precisava ser protegida de maneira a impedir a invasão dos saqueadores, tão antigos quanto a própria História da humanidade. Geralmente esses ambientes possuíam objetos valiosos pertencentes aos seus proprietários em vida. O recurso utilizado, logicamente foi a cobertura com blocos de pedras. Dessa forma seria difícil qualquer invasão, até por que não expunha qualquer acesso.

Com a unificação as cidades se formam e Abidos, uma das mais antigas, é escolhida para a construção desses monumentos. Sakkara, outro local importante, também abrigava os despojos reais defronte a antiga capital, Memphis.

Já nas primeiras dinastias, que era a forma de governar pelas famílias, este sistema construtivo sofre transformações e evolui em funcionalidade e porte. Uma mastaba construída na Primeira Dinastia possuía várias salas interligadas sendo que a principal era destinada aos despojos do faraó e outras secundárias, onde as oferendas e rituais eram realizados.

Se nas tumbas megalíticas, o espaço para os cerimoniais era determinado pela dimensão da cobertura, que consistia de uma única laje de pedra, na mastaba desfrutava-se de uma área muito mais generosa. Nesse caso pedras lavradas com precisão e em formato de paralelepípedo eram arrastadas sobre os muros formando a cobertura. Assim espaços regulares são interligados por túneis que, com o passar do tempo, adquirem finalidades diversas.

Esta melhoria técnica se reflete externamente com a regularidade estética, prenunciando os sólidos geométricos que conhecemos.

Curiosamente este layout de várias salas se identificaria com as residências de hoje, inexistentes naqueles dias. As habitações dos cidadãos comuns, além de não possuírem espaços tão generosos, eram construídas com os tijolos de barro cru, já descritos anteriormente.

Voltando à mastaba em questão, outra inovação é verificada pelo fato desse complexo estar abaixo do nível do chão, prenunciando uma prática comum posteriormente. No decorrer deste ciclo de construção as câmaras funerárias eram escavadas a vários metros em rocha sã. Nesse caso uma grande cobertura de pedras lacrava o complexo.

Nas Segunda e Terceira Dinastias isto se torna claro com o aprofundamento da câmara a ponto de seu acesso ser feito por escada.

A partir da Terceira Dinastia surge outro modelo arquitetônico para esta finalidade, sendo eternizado até os dias de hoje, as pirâmides. Porém estas serviam apenas aos faraós. Os nobres e familiares ainda se serviam das mastaba. Hoje isto fica evidente com a proximidade entre pirâmides e mastaba no planalto de Gizé.

Na Quarta Dinastia (2.613 - 2.494 a.C.) surgem as tumbas cortadas nas encostas rochosas. Seria mais uma tentativa de dificultar a invasão e ação dos saqueadores. Ao mesmo tempo as mastaba tornam-se mais sofisticadas, além das várias salas, continham capela e "serdab", este último seria uma sala onde era colocado a estatua do faraó. Contudo, a câmara real onde o aparato fúnebre era realizado, ainda era escavado no chão e servido por escada.

Esta prática chega a extremos de serem encontradas câmaras a 60 m de profundidade, ainda em fase de exploração, cujo conteúdo ainda é desconhecido.

Esta profusão de modalidades vem comprovar a real importância dada ao culto do desconhecido praticado pelos egípcios ao longo da História. A infinidade de tumbas descobertas e as ainda desconhecidas justificam o costume hereditário para esta prática. Há muito por descobrir pois, a lista dos mandatários chega aos trezentos e cinquenta aproximadamente, considerando os 3.000 anos de História.

A produção arquitetônica verificada nesta fase ainda é idêntica àquela originada no período Neolítico onde três direcionamentos são percebidos. A partir das pinturas rupestres, consideradas obras bidimensionais, inicia-se a produção tridimensional tendo a pedra natural como material de construção. Os primeiros modelos produzidos se caracterizam apenas por acomodar as pedras de maneira a manter o equilíbrio, já que não havia nenhum tipo de argamassa. Séculos teriam passados até que esses modelos representasse alguma função.

Pelos achados arqueológicos remanescentes fica claro que há construções destinadas a moradia, mais precisamente aquelas onde foram utilizadas pedra natural. É presumível que muitas foram construídas com materiais vindo da vegetação e, logicamente, não resistiram ao tempo decorrido.

Outra linha construtiva evidencia sua utilização para a prática de cultos fúnebres, caracterizado pelos dolmens. Este seria uma forma de reproduzir um espaço antes oferecido pelas grutas e cavernas, onde este cerimonial era desenvolvido. Talvez fruto do aumento da população contrapondo-se a insuficiência desses acidentes naturais.

A terceira linha produtiva é caracterizada pela função destinada a cultos místicos. São conhecidos como "cromlech". Sua configuração consiste num aglomerado de rochas devidamente apuradas em formato circular, assim delimitando o espaço interno. Fica evidente que este "recinto" criado era destinado às cerimônias as quais essa população reverenciava.

Na cultura egípcia esta prática se repete, até por quê também eram advindos da própria cultura neolítica. O diferencial está no resultado obtido com o avanço no ferramental, já na idade dos metais e no maior envolvimento da mão de obra.

A mastaba como modelo arquitetônico é utilizada até o início do Império Novo quando tem início a XVIII dinastia (1.550 a.C.). A partir daí ela se torna rara, dando lugar a capela pirâmide que se sobrepunha a uma câmara de sepultamento. Nota-se que a função permanece a mesma, ou seja, a de selar a câmara de sepultamento e assim, impedir o acesso dos saqueadores.

Outra característica verificada é a de se manter o formato piramidal, verdadeiro fascínio surgido na cultura egípcia. Quando o ciclo de pirâmides deixa de existir, assim como as mastaba e os cerimoniais passar a ser efetivados em câmaras escavadas nas rochas, como no Vale dos Reis, o maciço rochoso também tem formato piramidal. Como se isto fosse essencial para que ali fosse instalado a última morada dos faraós.

A mastaba foi fundamental para a evolução do processo desse cerimonial pois, elas fomentaram a construção das primeiras pirâmides, consolidando este formato até então inexistente. Em pouco mais de cem anos, essas estruturas já ultrapassavam os cem metros de altura, contendo uma sistemática construtiva que desafiavam os pesquisadores até os dias de hoje.

Elas são um elo importantíssimo entre os dolmens do período neolítico e as pirâmides, mantendo a mesma função e distinguindo-se apenas no volume descomunal. É importante também, reconhecer esses elementos como parte de um ciclo de eventos intimamente interligados, reafirmando uma sequência lógica que não transpareça uma descontinuidade construtiva. É comum o espanto ao estudar a cultura egípcia, considerando que em apenas 500 anos após sua unificação, eles já estavam construindo edifícios tão complexos.



PERFIL ESCALONADO – MONTE BARNENEZ

É importante também relacionar as tumbas megalíticas com as mastaba no aspecto construtivo a começar pelo perfil escalonado, que serviu de exemplo para as primeira pirâmides.

É claro que outras questões se levantam com relação a elevação e posicionamento dos blocos de rochas em alturas expressivas para a época. Transporta-los através de rampas e patamares poderia ser uma definição do modo construtivo. Contudo os mecanismos e dispositivos para efetivar a empreitada ainda são motivos de especulação. Que material era usado para as cordas? Cipó? Muito se fala em rampas de terra mas sabemos que ali se encontra numa área desértica e a areia se torna difícil sua execução. Há teorias que indicam o uso da lama do rio Nilo para estabilizar esses caminhos usados no transporte de pedras já que ela foi detectada como enchimento interno de algumas pirâmides, juntamente com blocos menores.

Apesar dessas incógnitas é obvio admitir que as mesmas técnicas usadas na construção das mastaba foram aplicadas nas primeira pirâmides. A diferença esta, logicamente, no maior volume de material e de trabalhadores envolvidos.



PIRÂMIDE DE DEGRAUS – FARAÓ DJOSER

As primeiras pirâmides egípcias conhecidas são encontradas em Saqqara , ao noroeste de Memphis, a antiga capital. A primeira delas é a Pirâmide do faraó Djoser construída entre os anos 2.630 e 2.611 a.C., durante a terceira dinastia. Além da pirâmide, um complexo circundante foi projetado pelo arquiteto Imhotep, historicamente inaugurando a profissão.

Geralmente são consideradas as mais antigas estruturas monumentais do mundo, construídas em alvenaria de pedra. A estimativa do número de trabalhadores para a construção das pirâmides podem variar de mil, vinte mil e até cem mil, não havendo consenso entre os historiadores.

Imhotep levantou no local uma mastaba quadrangular, sobre a qual se ergueram, numa primeira fase, três andares e depois, mais dois. A estrutura acabou assim por apresentar seis "degraus", atingindo cerca de sessenta metros de altura.

Este é o grande momento de criação cuja inovação esta em fazer mais de uma camada de pedras, alterando esteticamente aquele modelo arquitetônico. É possível que essa primeira fase de três camadas possa não ter surgido de imediato. É presumível que aquela modificação deu ao monumento um caráter especial, um impacto visual. Naturalmente sendo um efeito benéfico por que não continuá-lo? Percebe-se que Imhotep tinha um completo aval do faraó para projetar o que quer que fosse.

Em qualquer circunstancia, após uma certa admiração com o resultado é natural que as ideias aflorem. A quantidade de trabalhadores necessários e o volume de material empregado denota quão importante eram esses personagens.

Para dar mais imponência à edificação mais camadas de pedras foram sendo montadas totalizando cinco ou seis. É claro que elas deveriam ocupar uma área cada vez menor para que não provocasse um desmoronamento. Ao final um perfil escalonado caracterizou o monumento.

Surge então a intenção do projeto, ou seja, construir uma imensa escada para facilitar a ascensão do faraó aos céus, como acreditavam os egípcios. Pode ser que o resultado final possa ter influenciado esta justificativa. Mas isto será sempre motivo de amplo debate. Houve realmente uma intenção primordial nesta configuração ou o perfil final sugeriu esta definição?

Para questionar essas alternativas poderíamos explorar as fases de construção para chegar a uma conclusão. O fato da execução das camadas não ocorrer sequencialmente, ou seja, de imediato poderia sugerir uma ideia que se formou ao longo da obra. Se houvesse essa intenção desde o inicio as camadas seriam executadas todas de uma vez. Porém um dado intrigante parece indicar o contrario. A pirâmide de degraus vista de cima, ou seja, em planta, se mostra quadrangular. Como se a primeira camada de pedras precisasse ocupar uma área exatamente quadrada. Ora, essa intenção seria substancial para servir de base para as camadas subsequentes, ocupando áreas menores, de maneira a atingir uma altura previamente calculada, com um numero exato de camadas.

A altura semelhante das camadas é outro detalhe que também induz a este pensamento. Sendo assim, apesar das camadas não serem executadas em seguida, tudo indica que a ideia principal já estava estabelecida previamente. Outros motivos desconhecidos devem ter provocado uma interrupção na execução das camadas.

Outra razão para essa afirmação esta na comparação com as mastaba existentes próximas da área em questão, ou seja, onde foi erigida a Pirâmide de Degraus. Essas estruturas que serviam aos nobres e familiares do faraó, construídas anteriormente a pirâmide, possuem formato retangular e não quadrado. Isto demonstra uma intenção previamente estabelecida de construção de um edifício escalonado de base quadrada.

As pirâmides egípcias mais famosas são aqueles encontrados em Gizé, nos arredores do Cairo. Varias pirâmides estão entre as maiores estruturas já construídas. A Pirâmide de Quéops, a maior, é a única das Sete Maravilhas do Mundo Antigo ainda existente.

Todas elas foram construídas na margem oeste do Nilo, local do sol poente, este foi associado com o reino dos mortos na mitologia egípcia.

Em 1.842, Karl Richard Lepsius produziu a primeira lista moderna de pirâmides na qual continha sessenta e sete modelos. Desde então, muitas mais foram descobertas, sendo que em Novembro de 2.008, cento e dezoito pirâmides egípcias eram identificadas.

Tão antigo quanto a própria moradia do homem, este modelo arquitetônico, destinado a reverenciar o incompreensível, sofreu transformações profundas através dos séculos e atingiu volumes jamais vistos na Historia.